

A ECOPEDAGOGIA E SUA EPISTEME COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA NA ESCOLA¹

ECOPEDAGOGY AND ITS CONTRIBUTION AS EPISTEME FOR CRITICAL EDUCATION IN SCHOOLS

Gerson Marques Frutuoso²

Cecília de Campos França³

RESUMO: O objetivo desse ensaio foi o de refletir sobre os riscos de continuidade da ordem capitalista para as sociedades. Até os anos 50 do século XX, ainda podíamos assistir alguma ascensão de classe entre as pessoas. No entanto, vários são os autores que afirmam que isso não mais acontece. Os autores que nos acompanharam nesse trabalho foram: Paulo Freire (1996, 2000 e 2005); Gadotti (2000); Capra (1997); Duarte (2004); Marx (1968); Gutierrez e Prado (2008), Hobsbawn (1995) e Santos (2010) dentre outros. O capitalismo exige que os trabalhadores utilizem muito mais horas para realizar suas atividades profissionais do que no passado e, em contrapartida, eles podem muito menos do que podiam nossos ascendentes, tanto em termos de condições materiais e estabilidade quanto de tempo livre para amigos e família. Além disso, o meio ambiente tem sido golpeado com constantes depredações resultando disso escassez, doença, miséria e morte. Se continuar o modelo produtivo que temos hoje no Brasil, condenamos nossas terras a se tornarem deserto e nossa sociedade a naturalizar cada vez mais a desigualdade e a injustiça. A ecopedagogia tem uma *episteme* que trata de transformações radicais na maneira de relacionamento entre as pessoas, dessas com o meio ambiente, com a educação e com o conhecimento milenar dos povos tradicionais.

Palavras-chave: Ecopedagogia, Episteme, Educação Crítica.

ABSTRACT: The objective of this test was to reflect on the risks of continued capitalist order for societies. Until the 50s of the twentieth century, we could still watch some rising class of people. However a number of authors who claim that this no longer happens. Authors who joined us in this work were: Paulo Freire (1996, 2000 and 2005); Gadotti (2000); Capra (1997); Duarte (2004); Marx (1968); Gutierrez and Prado (2008), Hobsbawm (1995) and Santos (2010) among others. Capitalism requires that workers wear many more hours to carry out their professional activities than in the past and in return, they can much less than could our ancestors, both in terms of material and stability conditions as free time for friends and family . In addition, the environment has been struck with constant addition vandalism resulting shortage disease, misery and death. If you keep the production model that we have today in Brazil, we condemn our lands become desert. Eco-pedagogy has an episteme that comes to radical changes in the

¹ Esse artigo foi construído a partir do trabalho de FRUTUOSO, Gerson Marques. Ecopedagogia e Educação: caminhos para a formação crítica na escola. Defendido na Faculdade de São Bernardo do Campo, 2010.

² Músico, Prof. de Música na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, e pedagogo formado pela FASB – Faculdade de São Bernardo do Campo. *E-mail:* gersonfrutuoso9@gmail.com

³ Profa. Dra. da Unemat, *campus* de Tangará da Serra – MT, departamento de Letras. *E-mail:* cecilfran@yahoo.com.br

way of relationships between people, those with the environment, with education and with the ancient knowledge of traditional peoples.

Keywords: *Ecopedagogy, Episteme, Critical Education.*

Uma das principais questões presentes na contemporaneidade do mundo globalizado e que constitui o ponto de partida dessa discussão trata da profunda crise ambiental que afeta de forma direta a vida do e no planeta Terra. As consequências desse desequilíbrio têm, nos vários setores da sociedade humana, dado sinais de uma deterioração ética que perpassa não somente as organizações sociais, políticas, econômicas e culturais, como também as instituições responsáveis pela formação educacional do cidadão.

A preocupação e inquietude com as implicações desse desequilíbrio no cotidiano do processo educativo, considerando o espaço escolar como o local onde se estabelecem as relações inerentes à Educação formal, instigou nosso interesse pelo estudo dessa temática, sobretudo, as questões relacionadas aos pressupostos da ecopedagogia com a educação e a importância da formação docente para esse contexto.

Nesse sentido, entendemos a importância de explicitar alguns fundamentos teóricos que sustentam essa discussão para avaliarmos em que medida a ecopedagogia, enquanto um conjunto de pressupostos em construção interfere significativamente no processo de ensino-aprendizagem com vista à formação crítica e a práxis pedagógica no cotidiano escolar. Para isso, apresentamos nossa compreensão de Educação a partir do referencial de Paulo Freire exposto em sua extensa obra⁴.

Entendemos a Educação como um processo que se dá por toda a vida e tem pelo menos duas concepções: a formal, escolar, e a informal que se processa em todos os outros contextos. A educação formal deve considerar a intencionalidade de intervenção no processo ensino-aprendizagem, estudo constante e interlocução com as diversas áreas do conhecimento e, com o contexto mais amplo da sociedade. O seu objetivo primeiro deve ser a desalienação dos sujeitos a ela expostos e a desnaturalização do mundo. A práxis, que é um elemento basilar deste processo, caracteriza-se pela ação fundamentada do estudo e pesquisa constante e intenção de intervir em prol do desenvolvimento dos envolvidos no processo. Compreendemos que o posicionamento político do educador deve ser resultado de suas escolhas pensadas e repensadas como método reflexivo dialético de uma atuação profissional crítica. Diferencia-se, portanto, da prática, pois esta é concebida como ação cotidiana que não objetiva, necessariamente, uma ação que

⁴ Além da extensa obra de Paulo Freire nos referimos aqui, em especial, “Pedagogia do Oprimido”, “Pedagogia da Autonomia”, “Pedagogia da Esperança” e “Pedagogia da Indignação”.

se sustenta pelo estudo e fundamentação teórica e política. O entendimento de que a ação pedagógica é uma atuação política é um dos elementos centrais para a diferenciação da práxis em relação à prática. Nesse sentido, esta concepção tem importância fundamental para os pressupostos da ecopedagogia.

Os conceitos de ecopedagogia e Educação constituem a base de um processo de transformação que envolve, fundamentalmente, a constituição das pessoas, a formação dos professores e o papel da escola no contexto da comunidade. Este processo de reconstrução de valores sociais, econômicos, culturais e ambientais no âmbito do cotidiano e, a partir dele, compõe um novo olhar e visa possibilitar as condições básicas para que os alunos possam se constituir mais críticos, humanos e com compreensão ampla da dinâmica do mundo. Desse modo, para avançarmos nessa discussão é importante fazermos uma breve contextualização dessa temática no processo histórico.

PREMISSAS SÓCIO-HISTÓRICAS QUE CONSTITUEM O DEBATE

A dinâmica do mundo é resultado de um processo sócio-histórico que confere à existência humana o valor de construção produzida pelos seres humanos. O processo sócio-histórico é um conceito marxiano do materialismo dialético caracterizado pelas relações que os seres humanos estabelecem entre si e com a natureza. Dessas relações desenvolvem o conhecimento, o trabalho e a prática social.

Essa prática social define o que uma sociedade produz e o modo de produção determina sua organização. A sociedade feudal, por exemplo, era estática e hierarquizada. Os lugares, as posições e os papéis estavam pré-determinados.

O modo de produção capitalista rompeu essa inércia colocando o mundo em movimento. Abriu-se outros espaços, novas perspectivas e oportunidades, imprimindo um dinamismo sem precedentes na história. A ciência, a tecnologia e o capital ocuparam o centro do mundo determinando a dinâmica e o funcionamento da sociedade.

Muito dos produtos e serviços que se desenvolveram sob esta organização, mudaram definitivamente o percurso da humanidade. Podemos citar alguns deles: a máquina a vapor, o maquinário fabril, telefone, televisão, serviços de telefonia móvel, avião, computadores, sistemas de comunicação virtual dentre outros.

No entanto, a ambição desmedida, a prática exploratória e depredatória, as relações de poder, baseadas no autoritarismo e na lei do mais forte, fizeram de muitas outras possibilidades de desenvolvimento humano, utópicas⁵, frente às condições que

⁵ Utopia – para nós refere-se a tudo o que não pode se efetivar ou realizar em um determinado espaço e tempo, mas que é perfeitamente possível, vir a se realizar sob condições específicas. Um

vieram se desenhando, ao longo dos tempos, como resultado de concepções e práticas sociais.

Houve o empobrecimento de dois terços da humanidade e o enriquecimento de uns poucos. Aumentou-se o fosso de miséria de ponta a ponta do planeta. As contradições são de toda ordem. Ao mesmo tempo em que a medicina atingiu um desenvolvimento capaz de prolongar a vida dos seres humanos, a mortalidade infantil em países empobrecidos cresce vertiginosamente por falta de acesso a esses serviços. Aumentamos a oferta de comida no mundo, as técnicas de reabilitação do solo para a agricultura e pecuária, mas a morte por desnutrição é assustadora.

Ouvimos o forte clamor sobre direitos humanos, mas estes mesmos direitos são solapados no cotidiano, e, isto é evidenciado pelas frágeis relações que se desenharam na desregulamentação do trabalho, na valorização extrema de determinados grupos em detrimento, quase que absoluto, de outros.

Karl Marx (1968), o maior crítico do capitalismo, em sua principal obra o *capital*, analisou essas contradições e os problemas do sistema político liberal. Constatou uma sociedade dividida em classes e a ação determinadora do poder do capital sobre o trabalho assalariado. Para ele, a diferença de poder econômico entre as classes é um pressuposto desse modo de produção, ou seja, a classe dominante acumulará riquezas por meio da exploração do trabalho das classes operárias.

Vale lembrar que a ciência foi valorizada como conhecimento para tomada de decisões. No entanto, muitas decisões se concretizam à revelia das ciências e dos resultados que essas evidenciam em favor de outros interesses. Os saberes milenares dos povos tradicionais como ribeirinhos, quilombolas, indígenas são reduzidos a misticismo e atraso (SANTOS, 2010).

A partir de 1970, o capitalismo passa por uma transformação profunda tendo como sustentáculo filosófico o neoliberalismo que se propõe a reorganizar a sociedade de forma a garantir os ganhos do capital, por meio de estratégias que associam os avanços da tecnologia para poupar a mão de obra dos trabalhadores, redução drástica nos gastos sociais e as desregulamentações que implodem direitos históricos dos trabalhadores conquistados ao longo de séculos. Uma de suas características é de desenvolver mecanismos ideológicos de controle que atuam de forma sutil e de dentro para fora das pessoas. Este movimento só é possível mediante o processo de apropriação de valores e regras sociais (PELLANDA, 2001).

Ao abordar esta questão, Peter McLaren (2001) discute a apropriação de valores, significados e regras sociais e como estes constituem os seres humanos. A ausência de

exemplo disso pode ser o avião. Enquanto na Idade Média ele era uma idéia bizarra e impossível, hoje é realidade cotidiana.

orientação e formação política nos coloca em risco de naturalizarmos tudo quanto é uma construção humana e histórica gerando a idéia e sentimentos de impotência, de impossibilidade de mudar, efetivamente, o movimento das coisas e processos no mundo. A naturalização é um processo que aliena e obstaculiza a construção de consciência política e dificulta a elaboração de questionamentos que podem levar ao desmascaramento ideológico da filosofia opressora.

Na medida em que a alienação e fragmentação decorrem da ação do poder de um sistema ideológico dominante, a ação compartilhada entre os indivíduos sociais, por meio do trabalho, deveria agir no sentido oposto. Ou seja, a existência humana não é dada pela natureza, mas é produzida pelos próprios seres humanos em relação dialética. O ser humano age sobre a natureza para adaptá-la a si. Dermeval Saviani discute que

Esse ato de agir sobre a natureza transformando-a é que se chama trabalho. Portanto, é pelo trabalho que os seres humanos⁶ se produzem a si mesmos. Logo, o que o ser humano é, o é pelo trabalho. Isto é, pois, a essência humana. [...] A essência humana só se manifesta como essência alienada, isto é, negada nas relações reais que os seres humanos⁷ mantêm com os produtos de sua atividade, com sua própria atividade e com outros seres humanos (SAVIANI, In: DUARTE, 2004, p. 28).

A palavra alienação deriva do latim – *alius* – que significa outro. Depois temos outras derivações deste adjetivo – alienar, alienação, alienado. Essas expressões podem significar tornar outro, tornado outro, como passar para outro. O sentido mais corrente de “alienação e alienado é para se referir àqueles que não têm consciência de sua própria situação, que não se sabem sujeitos de sua própria história, aqueles que perderam sua condição de sujeitos de seus próprios atos, de suas próprias obras” (SAVIANI In: DUARTE, 2004, p. 28-29).

Nesse sentido, a alienação apresenta um duplo aspecto, objetivo e subjetivo. Subjetivamente, a alienação impossibilita o reconhecimento do ser humano, de si mesmo, seja: na produção individual que é vista como objeto alheio pelo próprio indivíduo, na exterioridade do trabalho como um elemento de desprazer e de falta de realização pessoal e na alienação dos indivíduos entre si e da vida humana provocado pelo trabalho alienado.

Esta relação que o ser humano estabelece com o trabalho, o produto e os outros seres humanos não se restringe aos aspectos subjetivos. O processo de alienação, ainda

⁶ O autor utiliza a palavra homem, mas consideramos ser mais adequada a expressão ser humano, pois esta se reporta a idéia de humanidade que é mais fiel à intenção proposta pelo autor. Assim sendo, ao substituírmos a palavra original do texto do autor evitamos possíveis ambigüidades de entendimento.

⁷ Idem à nota de número 3.

que permeie a subjetividade e se movimente por mecanismos invisíveis, tem um componente fundamentalmente objetivo. Vejamos o que diz Saviani:

Mas o trabalho alienado não se reduz a esse aspecto subjetivo, apresentando também um conteúdo objetivo cujas características independem do modo subjetivo de senti-las, como ocorre com a pauperização material e espiritual do trabalhador, cujo mundo se desvaloriza na proporção direta da valorização do mundo das coisas por ele produzidas. Com efeito, objetivamente o trabalho alienado, ao mesmo tempo em que produz mercadorias, produz o próprio operário como mercadoria (SAVIANI, 2004, p. 34).

Em Marx, a alienação é vista como decorrente de razões históricas e tem uma base material. Saviani (2004) alerta que se é na história que se criam condições para a construção de alienação é, nessa mesma história, que se criam condições para sua eliminação. E este desafio está posto para todos nós, educadores ou não. O sujeito humano, portanto, de acordo com esta visão, constitui-se a partir das relações sociais em que ele está envolvido. O que os sujeitos sociais são, coincide com sua produção, com o que e como produzem.

O processo sócio-histórico forma a base de reflexão onde se articula os elementos sociais constituintes entre as gerações. Hobsbawm nos adverte que:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. [...] O passado é indestrutível [...] porque os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas. Eles não são apenas marcos em nossas vidas privadas, mas aquilo que formou nossas vidas (HOBSBAWM, 1995, p.12-13).

Romper com o passado é desvincular o indivíduo de sua história. Isto enfraquece as pessoas, tirando-lhes a possibilidade de formação de consciência crítica, perpetua a ideologia da classe dominante e obstaculiza o processo de desnaturalização dos fatos históricos, da ordem e da dinâmica social.

A educação afinada com a lógica capitalista amplia a oferta de cursos de todos os níveis com ênfase na técnica e tecnologia. Podemos observar também no processo educacional o ocultamento da realidade, por meio de contradições entre os objetivos proclamados e os objetivos reais a que servem as diretrizes nacionais. Na aparência busca-se, com um discurso de maior qualificação, demarcar o que de fato não se tem ou não se construiu. Para construir uma educação com maior qualidade é necessário que o professor tenha garantido uma condição profissional e pessoal que o tranquilize quanto a sua sobrevivência, maiores possibilidades de acesso ao conhecimento e condições para

desenvolver pesquisa. Quanto aos alunos, estes devem ter acesso a todo e qualquer benefício que possibilite uma formação plena de realizações no processo escolar, considerando o acesso, a continuidade e a conclusão dos estudos em ambiente propulsor de desenvolvimento para que possam construir autonomia e consciência crítica em relação à sociedade a que pertencem.

O conceito de consciência à luz do referencial de Vygotsky está explicitado no artigo de Aguiar (2000) intitulado “Reflexões a partir da Psicologia Sócio-histórica sobre a categoria consciência”. Iniciaremos com a concepção marxiana de ser humano.

O ser humano de acordo com Vygotski é um ser inerentemente social que se constitui sob condições sociais, como resultado de um processo histórico, em constante transformação que não pode ser compreendido independente de suas relações e vínculos. É um ser ativo que constrói sua consciência com os determinismos da vida e com sua capacidade de elaboração dessas condições. O Sujeito histórico se constitui a partir de uma ação significada no mundo transformando a realidade para a sua existência.

Nesta perspectiva, as relações sociais são internalizadas e formam um processo em que pensamento, linguagem, vontade, atividade e signos constituem instrumentos mediadores das relações e condições sociais do sujeito e fundamentam a gênese de sua consciência.

Vygotsky (2008, p. 190) enfatiza a origem social da linguagem e do pensamento e a importância do significado na atividade produzida pelo indivíduo. Para este autor “uma palavra é um microcosmo da consciência humana”.

É com a atividade externa que se criam as possibilidades de reconstrução da atividade interna. As atividades de cada indivíduo são determinadas pela forma como a sociedade se organiza para o trabalho. Há trabalhos que alienam e outros que desenvolvem a consciência crítica abrindo caminho para a realização da singularidade de cada um.

Neste processo de constituição do sujeito a linguagem exerce uma função fundamental. Consideramos os signos instrumentos sociais, os meios de manutenção do contato do indivíduo com o Outro e com a própria consciência.

Entendemos a consciência como uma estruturação semiótica. Os signos são construídos pela cultura⁸ por meio das relações que os seres humanos estabelecem entre si e com a natureza e quando internalizados, tornam-se instrumentos internos e subjetivos que nortearão o estabelecimento de relações do indivíduo consigo mesmo e com os Outros. É no social e nas relações intersubjetivas que se dá a constituição do ser humano. Nesta dimensão do coletivo é que ocorre a construção de significados e sentidos

⁸ O conceito de cultura que aderimos neste trabalho é o que defende GEERTZ (1989), em sua obra *A Interpretação das culturas*, conforme citado nas referências.

para a existência humana. Este sentido é construído a partir do cotidiano das pessoas numa percepção complexa e ampla da vida, sem fragmentações.

A fragmentação do conhecimento no mundo capitalista favorece a alienação e dificulta os processos de construção de sensibilidade, solidariedade, pertencimento e autonomia, bem como a emancipação, o comprometimento com o bem estar social e o equilíbrio do e com o meio ambiente. Este sistema de vida é insustentável sob quaisquer pontos de vista: econômico, político, cultural, social, ambiental e ético. Rattner sinaliza que

[...] as contradições expressas e evidentes deste modo de produção capitalista funcionam em um tipo de sistema retroalimentado, um ciclo vicioso de crescimento e recessão, com efeitos cumulativos de polarização e exclusão de contingentes crescentes da população – um processo que não se restringe apenas aos países em desenvolvimento (RATTNER, 1999, p. 236).

Nesta organização do mundo político o que se prega é o estado mínimo, que não atende às necessidades da população, mas corrobora com o capital. Isto tem causado uma resistência da sociedade civil expressa numa larga contestação em relação aos procedimentos governamentais e empresariais.

Entre essas manifestações da sociedade civil estão as ONGs⁹ e outros movimentos populares que exercem pressões sobre governos, exigindo proteção contra a poluição ambiental. Uma das principais causas dessa degradação ambiental está na insustentabilidade da concepção linear do mundo, desenvolvida a partir dos conceitos da ciência mecanicista de Descartes e Newton.

É importante fazermos uma breve reflexão dessa concepção de linearidade. No modo de produção capitalista, o ser humano aprendeu a entender o mundo como o lugar que lhe oferece a matéria prima para que ele usufrua dela indefinidamente. Esta lógica constitui o sustentáculo da relação que os sujeitos sociais estabelecem com a natureza. Este é um pensamento linear que tem por fundamento a infinitude do processo. No entanto, hoje já se tem outras formas de se conceber o mundo. Com um modelo complexo de pensamento, um mesmo fenômeno é visto e avaliado em múltiplas dimensões e, é este novo olhar que embasa esta nossa pesquisa, conforme pode ser verificado ao longo do texto.

No documentário *A história das coisas* Annie Leonard tece uma crítica ao sistema de produção e consumo denominado “economia de materiais”, encadeado numa lógica linear que vai “da Extração para a Produção, para a Distribuição, para o Consumo, e para

⁹ Para que o leitor possa ter uma idéia mais clara de como concebemos as ONGs, sugerimos a leitura do artigo intitulado - *As ONGs e as Políticas neoliberais*-, que se encontra publicado no site <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=19&id=203>.

o Tratamento de Lixo. [...] Não se pode gerir um sistema linear num planeta finito, indefinidamente” (LEONARD, 2010, p. 1).

A vida no mundo real ocorre numa interação com sociedades, culturas, economias, e o meio ambiente. As pessoas participam, direta e/ou indiretamente, de todas as etapas do sistema. No topo está a hierarquia do poder dominada pela elite financeira, seguida pelo sistema financeiro dos bancos internacionais e nacionais, pelas grandes corporações que, devido ao grande crescimento empresarial e conseqüente domínio do capital, desestabilizou o governo que passou por um processo de fragmentação afastando-se de sua principal função que é governar, como representante do povo para o povo e pelo povo. Esta é a essência da função democrática do governo e que não acontece. Em sua crítica Leonard aponta que

Começaremos pela Extração, que é uma palavra pomposa para 'exploração de recursos naturais', que, por sua vez, é uma palavra pomposa para 'destruir o planeta'. A verdade é que cortamos as árvores, arrebentamos as montanhas para extrair os metais, consumimos toda a água e exterminamos os animais (LEONARD, 2010, p. 1).

Ao concluir um processo de degradação completa de um ecossistema as grandes corporações buscam novos pontos de exploração. E quando solicitadas a darem maiores explicações simplesmente respondem: “eles não são donos destes recursos, mesmo que vivam lá há gerações. Não são donos dos meios de produção e não compram muitas coisas. Neste sistema, quem não possui nem compra muitas coisas não têm valor” (LEONARD, 2010, p. 2).

Diante dessa problemática social e ambiental, perguntamos: o que gerou tamanho desequilíbrio e destruição ambiental a ponto de colocar o planeta, todos os seus ecossistemas e os seres humanos numa condição de extermínio? Existem soluções possíveis, considerando as dificuldades dos entraves políticos, econômicos e sociais que dominam a sociedade capitalista e, sobretudo, a exclusão, a miséria e a desigualdade social?

Na discussão sobre o tipo de relação desrespeitosa que o homem moderno estabeleceu com a natureza, Gutiérrez e Prado (2008, p. 32), enfatizam que “Essa dimensão de apropriação e saque dos recursos naturais deu origem à atual crise ambiental, cuja magnitude é de enormes proporções e de conseqüências imprevisíveis.”

As principais reflexões sobre o meio ambiente, a consciência ecológica e desenvolvimento sustentável foram demarcadas por dois grandes eventos internacionais. O primeiro foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, julho de 1972. “Pela primeira vez percebeu-se que o modelo tradicional de crescimento econômico levaria ao esgotamento completo dos recursos naturais pondo em risco a vida no planeta” (GADOTTI, 2000, p. 7). Gadotti lembra que

Neste ano foi publicado o famoso estudo do Clube de Roma: Limites do crescimento. O principal resultado desta conferência foi a 'Declaração sobre o Ambiente Humano', conhecida como a 'Declaração de Estocolmo', sustentando que 'tanto as gerações presentes como as futuras tenham reconhecidas, como direito fundamental, a vida num ambiente sadio e não degradado'. A conferência de Estocolmo é considerada um divisor de águas no despertar da consciência ecológica (GADOTTI, 2000, p. 7).

O segundo grande evento patrocinado pela ONU, foi realizado em 1992 no Rio de Janeiro de 3 a 14 de julho com a "Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, ECO - 92", que apresentou, até então, a maior demanda já vista em uma ordem dessa natureza.

O "Fórum Global 92", organizado e promovido pelas entidades da Sociedade Civil ocorreu paralelamente ao acontecimento oficial. Os eventos se constituíram em torno das principais demandas da sociedade envolvendo mulheres, crianças, jovens e índios com a participação de Organizações Não-Governamentais (ONGs) do mundo inteiro que excedeu dez mil representantes. Este Fórum aprovou a "Carta da Terra", um documento que atesta os anseios da maioria dos participantes que representavam as ONGs. A carta encarna o "espírito do Rio" como ficou conhecido e inicia assim: "Nós somos a Terra, os povos, as plantas e animais, gotas e oceanos, a respiração da floresta e o fluxo do mar. Nós honramos a Terra, como o lar de todos os seres vivos" (GADOTTI, 2000, p. 8).

A agenda 21, como o principal documento da ECO-92, reúne, de forma detalhada, um programa de ação das principais diretrizes do meio ambiente e desenvolvimento. Nota-se que a "Carta da Terra" apresenta um conteúdo perfeitamente compatível com a "Agenda 21". A perspectiva na transição para o século XXI seria articular os dois documentos numa ação integrada com o objetivo de construir a cidadania planetária.

ECOPEDAGOGIA E SUSTENTABILIDADE

É importante destacar em nossa exposição e reflexão acerca da Ecopedagogia o advento da complexidade que tem como fundamento os pressupostos da física quântica, inaugurada no início do século XX, e que passou a ter uma influência significativa na concepção do mundo. Este novo paradigma rompe com o pensamento linear cartesiano. O pensar complexo considera a interconectividade do mundo entre tudo e todos. Busca transformar radicalmente nosso olhar e nos comprometer com um posicionamento de responsabilidade para com tudo e todos, com os seres humanos que, possivelmente

nunca encontraremos face a face, mas que em nossas atividades cotidianas serão considerados, respeitados e cuidados como exercício de ética em nossa práxis política.

Para Capra (1997) um novo paradigma desponta no horizonte denominado de *ecologia profunda* que se baseia em uma nova percepção do mundo. Os problemas globais que estão danificando a biosfera, o meio ambiente e a vida humana de forma alarmante e com tendências irreversíveis, não podem ser pensados e entendidos de uma maneira isolada, mas em estreita relação.

[...] São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal que se tornou a característica mais importante na era pós-guerra fria. [...] Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma mesma crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção. Ela deriva do fato de que a maioria de nós, e em especial nossas grandes instituições sociais, concordam com os conceitos de uma visão de mundo obsoleta, uma percepção da realidade inadequada para lidarmos com nosso mundo superpovoado e globalmente interligado (CAPRA, 1997, p.23).

Esta crise de percepção, na análise de Capra (2007), constitui o aspecto mais aparente do problema humano atual. A questão vai muito além da percepção. Trata-se de uma mudança de postura e de posicionamento frente ao mundo. É urgente que deixemos de pensar de forma isolada, individualista, independente de tudo e todos para que possamos pensar de forma holística, complexa, sistêmica e ampla. Esta nova postura só será possível mediante o exercício pleno de valores éticos e fundada na vontade de transformar o mundo, tornando-o um lugar democrático, solidário e fraterno, que cuide e acolha as múltiplas possibilidades de ser humano e de vida no planeta. As condições de uns e outros não podem ser vistas como problemas que não nos dizem respeito, mas como desafio de todos. Em última instância, trabalhar para o benefício do bem estar social e do desenvolvimento da humanidade é trabalhar e lutar por si mesmo.

É importante destacar que o termo – *ecologia profunda* - usado por Capra (1997) está associado a uma escola filosófica específica, fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess, e com um amplo movimento popular conhecido como ecologia profunda que tem ganho uma rápida proeminência. Este filósofo faz uma distinção entre ecologia rasa e profunda, amplamente aceita, para se referir a uma das principais divisões do pensamento ambientalista contemporâneo. A diferença entre elas é que a *ecologia rasa* se refere a uma visão antropocêntrica, centrada no ser humano, situada acima ou fora da

natureza, como fonte de valores, e atribui um valor instrumental e utilitarista à natureza. Já a *ecologia profunda* vê o mundo como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e interdependentes. Reconhece o valor de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Uma das características marcantes desta visão ecológica profunda é que ela propõe questionar tudo o que até o momento aceitamos como natural ou verdade seja por nossos hábitos, modo de vida, modelos de pensamento, ou ainda, nossos relacionamentos, possibilidades e impossibilidades.

Nesta perspectiva, o conceito de sustentabilidade perpassa pela urgência de se questionar e redefinir o significado de riqueza, de progresso e trazer como alicerce destas reflexões, ações baseadas em princípios éticos que vise à construção de um mundo melhor. Capra retoma este conceito por sua importância fundamental no movimento ecológico, compartilhando a definição dada por Lester Brown: “Uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras” (BROWN, *apud* CAPRA, 1997, p.24).

É importante esclarecer que o conceito de sustentabilidade deve ser compreendido dentro do arcabouço teórico e ideológico daquele que o evoca. Para um capitalista esta expressão pode significar a sustentabilidade de sua prática produtiva e de seu lucro. Já para um pensador ligado a este paradigma proposto em nosso trabalho o conceito atinge maior amplitude e outro direcionamento, conseqüentemente, outro sentido.

A Ecopedagogia, como Pedagogia da Terra, nasce dessa matriz complexa no sentido de reflexão ecopedagógica para construir uma consciência ecológica e social crítica e uma práxis transformadora que possibilite desalienar o sujeito e desnaturalizar o mundo.

Este termo, concebido inicialmente como um processo de educação sustentável com vista à formação de cidadãos ecológicos, foi introduzido no cenário educacional, pela primeira vez, no Fórum Global – 92 por Francisco Gutiérrez. O sentido da ecopedagogia está na cotidianidade que constitui a base do processo de transformação do individual, do social e das relações estabelecidas entre os indivíduos e destes com o meio ambiente numa perspectiva de formação de uma consciência ambiental e ecológica que dependem fundamentalmente de sensibilização, compromisso com o meio ambiente e com os Outros, observância dos princípios éticos universais, de políticas públicas e dos processos de socialização e educação.

Em nossa concepção a Educação não está em função do cotidiano, mas a partir dele. O processo de transformação tendo em vista à formação de consciência crítica e à práxis ecopedagógica se dá pelos desafios que a Educação apresenta aos alunos, para

possibilitar o descondicionalismo das forças alienadoras, a que estão submetidos, presentes no cotidiano fragmentador e alienante da sociedade globalizada. Para nós esses desafios estão além dos limites da cotidianidade e expressam a criticidade, a eticidade, a práxis, a cidadania e a sensação de pertencimento. Gadotti chama a atenção para a importância dessa ideia:

A sensação de pertencimento a Terra não se inicia na idade adulta e nem por um ato de razão. Desde a infância, sentimo-nos ligados com algo que é muito maior do que nós. Desde criança nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto de espanto e respeito. E, durante toda a vida, buscamos respostas ao que somos, de onde viemos, para onde vamos, enfim, qual o sentido de nossa existência. É uma busca incessante e que jamais termina. A educação pode ter um papel nesse processo se colocar questões filosóficas fundamentais, mas também se souber trabalhar ao lado do conhecimento essa nossa capacidade de nos encantar com o universo (GADOTTI, 2000, p. 5).

Este encantamento com o conhecimento oferece sinais objetivos da importância de construirmos sensibilidade, abertura para considerar e ver diferentes concepções e ousadia para se assumir como um ser capaz de construir conhecimento de forma coletiva, de compreender nossos limites, não como limitação, mas como possibilidade de superação das condições adversas que dificultam as mudanças.

O ponto principal das dificuldades de mudanças está nas amarrações que o sistema educacional tem com o sistema globalizado do mercado capitalista. Isto indica que este sistema foi concebido para formar o indivíduo em um cidadão que trabalha e direciona seu agir de acordo com as prerrogativas da sociedade de consumo.

Na lógica capitalista Educação e lucro não combinam, e por quê? Pensamos que educação é investimento e objetivação de um mundo melhor. Educação é processo, não é produto. Aí está, possivelmente, o grande equívoco. Educação lida com formação humana e esta é processo. Ao falarmos de educação planetária, de educação sustentável, estamos falando de um processo essencialmente de transformação do estado em que as coisas estão.

Esta discussão sobre o educar para uma cidadania planetária diz respeito a “Pedagogia da Terra”. O termo pedagogia como ciência da educação tem o sentido de pensar os processos de educar para que se forme a unidade entre a teoria e a práxis pedagógica. Nesse sentido, a palavra ecopedagogia combina os dois termos, pedagogia e ecos. *Ecos* deriva do grego *oikos* que originalmente tinha o sentido daquilo que era coordenado no âmbito do espaço doméstico e que depois foi importado pela economia com o significado de administração das relações financeiras. Recentemente a palavra

ganhou outra dimensão ao ser associada às questões ambientais, como a ecologia que trata do estudo das relações dos seres vivos nos vários ecossistemas.

Nessa perspectiva, compreendemos a Ecopedagogia como o pensar os processos educativos para que se forme a unidade entre a teoria e a práxis pedagógica com uma ecologia profunda que cuida da qualidade das relações, em um mundo complexo, entre os seres humanos e destes com o meio ambiente em seu amplo sentido, estabelecendo-se uma relação de horizontalidade.

ECOPEDAGOGIA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

A problemática educacional brasileira apresenta um cenário crítico no que tange a necessidade de mudanças e a importância de uma reflexão ecopedagógica fundamentada no desvelamento de uma consciência crítica da realidade que instigue um movimento dialético para uma práxis transformadora no âmbito da formação docente. Neste sentido, lembramos da incansável luta de Paulo Freire em sua trajetória como educador. Assim, resolvemos iniciar essa discussão com este pensamento

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (FREIRE, 2010¹⁰).

A partir deste pensamento de Paulo Freire levantamos alguns questionamentos que entendemos serem pertinentes para esta discussão: Como é que este estado de coisas se firmou no mundo? Qual têm sido os valores professados por esta sociedade dita globalizada? Como o educador pode interferir para transformar este mundo e contribuir para a construção de um novo mundo capaz de valorizar o cuidado e o amor entre as pessoas? Como procedemos em nosso dia-a-dia com o mundo e com as pessoas? Entendemos que este pode ser um excelente caminho para (re) avaliarmos nossas posturas diante do Outro e do mundo.

Guardamos em nossas mentes algumas posições de Paulo Freire sobre essa realidade social e que selecionamos a partir da leitura parcial de sua obra. Qualquer ideia de liberdade ou vontade que não seja dialogada e negociada com o entorno pode transformar-se em tirania. Viver a democracia é saber dialogar e viver o amor pelo Outro em sua plenitude de respeito e consideração. O diálogo autêntico é o elemento chave para

¹⁰ Texto de Paulo Freire exposto na tela inicial do site Biblioteca Digital Paulo Freire. Fonte: <http://www.paulofreire.ce.ufpb.br/paulofreire/>. Acesso em: 12 setembro 2010.

a realização deste processo. Entender a dinâmica social, suas ideologias e construir sentido onde há lacunas, é, também, valioso para essa conscientização de construção social. Este processo direciona as pessoas para a emancipação e a autonomia social, política e cultural.

Neste sentido, quais têm sido as contribuições dos cursos de pedagogia por todo o país no sentido de construir novas posturas docentes e discentes no processo de formação? Esta e outras questões devem servir para que reflitamos sobre nossas vidas, nossas práticas, nossos discursos e a apropriação ou não dos valores éticos defendidos por Freire.

Para que isto possa acontecer surge a necessidade da formação de pessoas sensíveis e críticas, tendo como base a educação ambiental, a ética e a cidadania, para que seja possível a formação de um sujeito social capaz de conviver e utilizar conscientemente os recursos naturais disponíveis visto que, ao transformar o ambiente, o ser humano muda também sua própria visão a respeito da natureza e do meio em que vive.

Paulo Freire (1996) defende a formação permanente de professores que seja ligada a uma prática político-pedagógica consciente. Esta formação deve ser norteadas pelos seguintes princípios: o educador é o sujeito social de sua prática e sua formação deve ser constante e sistematizada; a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento; o programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. (FREIRE, 1996, p.39)

Os cursos de Pedagogia devem possibilitar a formação de profissionais capazes de formar novas gerações para transformar o mundo e de transformarem a si próprios. Isso será possível se estes profissionais se dispuserem a superar seus próprios limites e romper com um modo de pensar e agir hegemônico em nossa sociedade. Construir-se de maneira diferente ao que a lógica política espera traz consequências para aquele que resiste à ordem. Esta práxis revolucionária deve ser a objetivação de convicções políticas emancipadoras, democráticas, ética e da vontade do sujeito social. Daí, pensamos que mudar, transformar, revolucionar é uma escolha que se fundamenta fortemente nos sentimentos e em uma razão sensível. Ora, para que serve a qualificação docente se não for para construir maior sensibilidade e proximidade entre as pessoas que ensinam e as pessoas que aprendem? Aliás, todos ensinam e todos aprendem.

Pensamos que há um caminho o da impertinência, da ousadia e da irreverência diante de regras e relações injustas. Estas e muitas outras questões ficarão em aberto em nosso texto propositadamente para demarcarmos que estamos sensíveis ao estabelecimento de relações desiguais no contexto educacional.

A seguir transcrevemos a letra do poema a *Canção Óbvia*¹¹ escrita por Paulo Freire e que abre o livro *Pedagogia da Indignação* (2000):

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de que fazer. Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavida: É perigoso agir. É perigoso falar. É perigoso andar. É perigoso esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam. Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera (FREIRE, 2000, p. 5).

A *Canção Óbvia* expressa de forma precisa tanto o que pensamos, sentimos e queremos como postura pessoal e profissional em nosso trabalho pedagógico. Ela nos remete a espera de realização do sonho de vivermos em um mundo democrático, ético, sensibilizado, acolhedor, solidário, responsável e profícuo de amor. Espera essa, bem aos moldes freireanos.

Os saberes milenares dos povos tradicionais e sua valorização fazem parte da *episteme* que sustenta a ecopedagogia e daí surge a proposta de educação intercultural. Educação essa que busca convivência, valorização e diálogo com as diferentes culturas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **Reflexões a partir da Psicologia Sócio-histórica sobre a categoria “consciência”**. Cadernos de pesquisa n. 110, Julho de 2000, p.125-142.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix Editora, 1997.

¹¹ Paulo Freire escreveu esta canção em março de 1971 durante seu exílio em Genebra, Suíça.

DUARTE, Newton (org.). **Crítica do Fetichismo da Individualidade**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**: Ideias centrais para um debate. I Fórum Internacional Sobre Ecopedagogia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto – Portugal. 24 a 26 de março de 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 4. ed. São Paulo: Cortez/IPF, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEONARD, Annie. **A história das coisas**. Texto traduzido do Vídeo. Tides Foundation – Funders Workgoup For Sustanable Production And Consumption And Free Range Studios. Disponível em: <<http://sununga.com.br/HDC/index.php?topico=texto>>. Acesso em: 24 abril 2010.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, livro 1, v.1, 1968.

MCLAREN, Peter. **Pedagogia da Utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

PELLANDA, Nize. À Guisa de Introdução: Reflexões sobre Neoliberalismo e Subjetividade. In: MCLAREN, Peter. **Pedagogia da Utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001, pp. 7-25.

RATTNER, Henrique. **Sustentabilidade**: uma visão Humanista. Ambiente & Sociedade. Ano II, n.5, setembro de 1999, p. 233-240.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SAVIANI, Dermeval. Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade. In: DUARTE, Newton (org.). In: **Crítica do Fetichismo da Individualidade**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2004, p. 21-41.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.